

PROJETO DE PÓS-DOUTORADO

**Usos do passado: percursos pela filosofia
no Brasil**

Supervisora: Profa. Dra. Monica Loyola Stival

Candidato: Júlio Miranda Canhada

Usos do passado: percursos pela filosofia no Brasil

Resumo

Nesta pesquisa nos propomos a investigar produções filosóficas brasileiras de fins do século XIX até meados do século XX. Iniciando com textos de Raimundo de Farias Brito, veremos de que modo foi reformulada a polarização entre sensualismo e espiritualismo que orientou a prática filosófica brasileira ao longo do século XIX. Do ponto de vista da historiografia, além disso, é atribuído à filosofia de Farias Brito certo caráter inaugural, muito embora sua produção tenha recebido qualificações bastante diversificadas. Seja pela assim chamada Escola Católica, cujos principais representantes seriam Leonel Franca, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima e Pe. Henrique de Lima Vaz; seja pelos membros do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), através de seus muitos participantes, mas, sobretudo, de Miguel Reale, a produção de Farias Brito serviu a múltiplos interesses – os quais serão investigados nessa pesquisa no que podem contribuir para a compreensão das próprias posições filosóficas que dele se apropriaram. Serão também analisadas as contribuições filosóficas agrupadas em torno do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), principalmente através dos textos de Álvaro Vieira Pinto. Por fim, nos debruçaremos sobre obras de autores responsáveis pelo estabelecimento de uma compreensão acerca da história da filosofia que, de certo modo, tornou-se hegemônica a partir de meados do século XX: Arthur Versiani Velloso e Lívio Teixeira.

Palavras-chave: Filosofia no Brasil, História, Cultura, História da Filosofia, Ensino de Filosofia, Universidade

Uses of the past: routes through the philosophy in Brazil

Abstract

In this research we propose to investigate Brazilian philosophical productions from the end of the 19th century until the middle of the 20th century. Starting with texts by Raimundo de Farias Brito, we can see how the polarization between sensualism and spiritualism was reformulated, which in a way guided Brazilian philosophical practice throughout the nineteenth century. From the point of view of historiography, in addition, to the philosophy of Farias Brito is given an inaugural character, although its production has received quite diversified qualifications. Be it by the so-called Catholic School, whose main representatives would be Leonel Franca, Jackson de Figueiredo, Alceu Amoroso Lima and Fr. Henrique de Lima Vaz; or by the members of the Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), through its many participants, but especially by Miguel Reale, the production of Farias Brito served to multiple interests - which will be investigated in this research in what can contribute to the understanding of their own philosophical positions. The philosophical contributions grouped around the Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) will also be analyzed, mainly through the texts of Álvaro Vieira Pinto. Finally, we will focus on the works of authors responsible for establishing an understanding of the history of philosophy that, in a certain way, became hegemonic from the mid-20th century: Arthur Versiani Velloso and Lívio Teixeira.

Wordkeys: Philosophy in Brazil, History, Culture, History of Philosophy, Philosophy Teaching, University

Introdução e justificativa

A produção filosófica brasileira pré-universitária apresenta-se, à primeira vista, como um enorme emaranhado de discursos. Caso se debruce sobre materiais dedicados a esse tema, contudo, pode-se notar que histórias da filosofia no Brasil, desde o texto inaugural de Sílvio Romero, de 1878, até obras mais recentes, nos anos 2000, com algumas exceções, produzem um juízo de desqualificação do objeto que repertoriam.¹ Embora tenha se formado, ao longo do tempo, uma sequência de autores e obras, foi sendo constituída uma espécie de senso comum historiográfico segundo o qual a produção filosófica brasileira seria essencialmente falha.

Tal senso comum parece ter sido como que ressignificado por uma apropriação do método de leitura estrutural de textos filosóficos, por volta de 1950 – apropriação realizada sobretudo no interior da Universidade de São Paulo.² Sem levar em consideração a realidade desse juízo, ou seja, sem procurar assumir suas premissas para, em seguida, verificar se elas seriam verdadeiras ou falsas, já em nossa tese de doutorado³ procedemos ao exame da maneira pela qual ele foi repetidamente mobilizado segundo variadas perspectivas, mas que no entanto culminavam todas na confirmação de uma eterna

¹ Seria muito extenso arrolar toda a bibliografia a respeito da história da filosofia no Brasil. Para isso, ver Canhada, Júlio Miranda. *O discurso e a história: a filosofia no Brasil no século XIX*. São Paulo: Loyola, 2020. Para o que compreendemos ser as principais linhas de análise dessa história da história da filosofia no Brasil (cujos principais autores seriam Sílvio Romero, Leonel Franca, João Cruz Costa, Antônio Paim e Paulo Eduardo Arantes), ver Canhada, Júlio Miranda. “La lecture structurale des textes et l’histoire de la philosophie au Brésil”. In: *Cahiers critiques de philosophie*. Paris: Hermann, agosto-setembro de 2016, n. 16.

² A respeito dos modos de presença da historiografia francesa de filosofia do século XIX em Guérout e Goldschmidt e, além disso, do modo pelo qual tal método em ambos autores foi apropriado no interior da Universidade de São Paulo, ver Marques, Ubirajara Rancan de Azevedo. *A escola francesa de historiografia da filosofia: notas históricas e elementos de formação*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 26: “Assim, pela exegese dos filosofemas, percorridas as etapas de sua cadeia de razões – o que terá contribuído para o enrijecimento de uma postura filológica, estratégica, mas parcial –, tão fortemente se aderiu ao método, que discuti-lo não parecia relevante. Com Guérout e Goldschmidt, devia contar o “senso histórico”, não já o exame da metodologia empregada.” E, sobre a presença institucional de Martial Guérout na USP, ver pp. 15-16 da mesma obra.

³ Canhada, Júlio Miranda. *Construções de um século: discursos filosóficos no Brasil oitocentista*. São Paulo: FFLCH/USP, 2017, Tese de Doutorado.

precariedade da filosofia no Brasil. Por esse meio, foi possível entrever outro modo de compreensão da produção filosófica brasileira, modo de compreensão distante do até então praticado pela historiografia.

Abster-se do juízo de desqualificação a respeito de tal produção filosófica não significa, entretanto, recair na avaliação oposta: a do encômio a autores e obras porquanto comungariam de um *caráter nacional* que as unificaria, definiria ou dignificaria. Pode-se dizer, em geral, que o que se encontra nessa história da história da filosofia no Brasil, ainda que diversamente orientada, é uma *sequência cronológica* de autores que conformariam um *panteão filosófico nacional* – paradoxalmente diminuído por essa mesma historiografia supostamente dignificadora.⁴

⁴ No interior da Universidade de São Paulo, as reflexões de João Cruz Costa conformam uma interpretação histórico-historiográfica a respeito da filosofia no Brasil que deu frutos em outros autores, dentro e fora desta instituição – dentre eles, Paulo Arantes. Em nossa tese de doutorado procuramos analisar tais produções tanto como leituras sobre a história da filosofia no Brasil, quanto como uma incorporação do método de leitura estrutural de textos que operaria como legitimação do fazer filosófico profissional-universitário. Nesse sentido, procuramos nos distanciar de avaliações que lançam mão de um critério de *rigor* – ainda que diversamente definido – como medida dos juízos acerca da produção filosófica brasileira pré-universitária. Tal juízo pode ser visto em operação, por exemplo, em Leopoldo e Silva, Franklin. “Pesquisas no Departamento de Filosofia”. *Estudos Avançados*, 8(22), 1994, p. 305: “Num cenário intelectual marcado pelo ecletismo e pela curiosidade indisciplinada, impunha-se primeiramente estancar o ritmo da ousadia filosofante, substituindo a assimilação apressada das modas europeias pelo paciente exercício da compreensão técnica e sistemática das ideias filosóficas na tessitura lógica de suas configurações históricas”. A título de ilustração, ver as seguintes passagens de João Cruz Costa e Paulo Arantes: “Não tivemos nem podíamos ter filósofos. Tivemos *filosofantes*, letrados que se afastaram, quase sempre, da nossa realidade, que fugiram da nossa história e do seu verdadeiro significado. Que esqueceram os valores novos da América por julgarem que eles eram vulgares demais para os seus engenhos finos e caprichosos. / Refugiados nos idealismos, os nossos filosofantes esqueceram-se de pensar a própria realidade”. (*A filosofia e a evolução histórica nacional*. In: *A filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1945, pp. 70-71). “Maugüé nos convidava [...] a criar e cultivar num meio adverso o *discernimento*, pedra de toque sem a qual não há juízo capaz de saber apreciar, por exemplo, e para começar pelo mais difícil, separando os bons livros dos ruins; [...] Como a primeira necessidade do estudante brasileiro fosse então a aquisição metódica daquele senso mais amplo da perspectiva, sob a qual peneirar então as idéias, tudo se resumia à providência crucial de educar o nosso *tato histórico*, e graças à progressiva decantação de um discernimento antes de tudo de cunho filosófico. Aprendamos, para começar, a ler os clássicos com critério e sentimento, tal era o conselho de Maugüé [...]”. (*Certidão de nascimento*, In: *Um departamento francês de ultramar*. São Paulo: Paz e Terra, 1994, pp. 74-75). A respeito de Jean Maugüé e de sua presença institucional e filosófica na Universidade de São Paulo, ver Cordeiro, Denilson Soares. *A formação do discernimento. Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Doutorado – FFLCH-USP, 2008. Por tais razões – e também como se verá abaixo – tal linha interpretativa estará presente nesta pesquisa de pós-doutorado mais *como interpretação historiográfica da filosofia no Brasil*, do que *como exercício do método estrutural de textos filosóficos* em sua relação com a história da filosofia – muito embora, sobretudo no que toca às reflexões de Paulo Arantes, procuraremos analisá-las enquanto contribuição para uma interpretação do método de leitura estrutural de textos *tout court*.

Desse modo, para os fins desta pesquisa, parece-nos mais profícuo examinar as *obras* dos autores em seu campo discursivo específico, ou seja, procurar compreender a gênese das categorias filosóficas de que se utilizam e para cuja produção simultaneamente contribuem. Por esse caminho, é possível conferir inteligibilidade e legibilidade a textos ainda poucos estudados. A tais categorias, contudo, não atribuímos a característica de serem resultado do *arbítrio individual* de cada autor: tanto em sua criação quanto em sua circulação elas estão coletivamente balizadas, na medida em que há um jogo de reenvios e comunicações cuja apreensão é condição necessária para conferir-lhes sentido. Quer-se dizer com isso que, seja no que se refere à produção filosófica brasileira do século XIX, seja em parte dos autores presentes no *corpus* desta pesquisa de pós-doutorado (como se verá abaixo), a *ausência de cursos universitários de filosofia* não implica a inexistência de *outros mecanismos* de orientação e legitimação do saber filosófico. Obviamente, com a criação e o estabelecimento da filosofia profissional-universitária por volta dos anos de 1950⁵, regras específicas de legitimação do saber filosófico passam a vigor, as quais perfazem um conjunto de questões que serão justamente objeto desta pesquisa.

Dedicar-se às *obras* dos autores do nosso *corpus* significa também examinar de que maneira, em seus diferentes esforços historicamente considerados, procurou-se constituir uma *voz filosófica* reconhecida enquanto tal, ou seja, significa examinar os mecanismos pelos quais um autor produtor de textos filosóficos distingue-se de autores produtores de outros saberes. Ora, é de se notar que, sobretudo no século XIX, as fronteiras entre os saberes eram muito diversamente exercidas, caso pensemos na maneira como se dará a produção e legitimação do saber filosófico a partir dos anos de 1950. Sendo assim, é de se notar que dinâmicas culturais e institucionais contribuem para a conformação do saber filosófico, de modo que, a depender do espaço cultural e institu-

⁵ A respeito da criação da Universidade de São Paulo, de um ponto de vista sociológico, ver, entre muitos outros materiais: Cardoso, Irene de Arruda Ribeiro. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982. Especificamente quanto à filosofia, ver Ferreira, Daniela Maria. *Filósofos à brasileira. Catolicismo e autonomia dos debates intelectuais*. Campinas: Arte Escrita, 2010. E: Tuffani, Eduardo. “Nota pelos cem anos do ensino superior de Filosofia no Brasil (1908-2008)”. *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia da USP, n. 39, 2009. Como se verá, conferir importância à produção filosófica da Universidade de São Paulo não significará a exclusão de outras experiências universitárias, tais como a da Universidade do Distrito Federal e da Universidade Federal de Minas Gerais, por exemplo. A esse respeito, ver Azevedo, Fernando de. *A cultura brasileira*. São Paulo: Edusp, 2010, pp. 703-766. E: *Lições inaugurais da missão universitária francesa durante o ano de 1936*. Rio de Janeiro: Universidade do Distrito Federal, 1937.

cional a que pertence um ou outro autor, as demandas filosóficas e discursivas a que atenderá tornar-se-ão muito diferentes.

Contribui também para a construção de uma voz de filósofo os modos de relação estabelecidos entre a filosofia e a história da filosofia. Não só como localização temporal em que cada autor pretende que sua obra incida, mas inclusive como reivindicação de pertencimento a um passado filosófico, compreensões acerca da história da filosofia são fundamentais para que se apreenda os sentidos atribuídos a práticas filosóficas muito distintas. Em nossa tese de doutorado – como resumidamente se verá em seguida – propusemos que haveria uma polarização entre as categorias *materialismo* e *espiritualismo* que de certo modo balizavam e distinguiam as produções filosóficas no interior de um campo discursivo específico. Para esta pesquisa de pós-doutorado, nos propomos a avançar cronologicamente, de modo que talvez esteja em exercício, num novo conjunto de obras, outra polarização que tanto orienta as categorias filosóficas em pauta, quanto dá a ver, por meio da relação entre filosofia e história da filosofia, a escala temporal a que tais reflexões estão submetidas. O primeiro autor a que dedicaremos nossa análise, aliás – Farias Brito – justamente constrói sua posição em contraposição a produções que lhe são anteriores.

A *Factos do espírito humano*, obra de Domingos José Gonçalves de Magalhães, publicada em 1858, foi atribuída, pelos contemporâneos, a qualificação de livro inaugurador da filosofia no Brasil, característica que se somaria ao fato de ser o fundador da poesia romântica brasileira, com *Suspiros poéticos e saudades*, de 1836. Em nossa tese de doutorado, consideramos relevante não confirmar a veracidade ou falsidade de tal marco, no sentido de procurar materialmente asseverar qual seria o primeiro livro ou texto de filosofia publicado no Brasil, mas sim, investigando este e outros textos de sua produção filosófica, conferir-lhes inteligibilidade ou legibilidade a partir dos critérios particulares em jogo nesse campo discursivo.

De modo geral, procuramos caracterizar a perspectiva filosófica de Gonçalves de Magalhães como uma apropriação da filosofia eclética tal como formulada principalmente por Victor Cousin e Théodore Jouffroy⁶. Ao invés de considerar o ecletismo co-

⁶ Não queremos com isso dizer que não haja diferenças importantes entre os dois autores. Visto que seria muito longo desenvolver aqui este ponto (analisado em muitos de seus aspectos em nossa tese de doutorado), note-se apenas que Cousin e Jouffroy são sem dúvida os dois autores mais importantes no que se refere à apropriação brasileira do ecletismo. A título de ilustração a respeito das dissonâncias no interior

mo perspectiva que culminaria num adjetivo pejorativo, a filosofia eclética parece forneceu as bases a partir das quais Gonçalves de Magalhães procurou construir o que compreendia como psicologia espiritualista. Tal posição, contudo, só se torna inteligível desde que se considere a construção simultânea de seu adversário, encarnado pelo sensualismo ou materialismo. Neste ponto, assim, houve uma apropriação de um debate da história da filosofia⁷ que acabou por constituir-se numa polarização fundamental entre espiritualismo e sensualismo, *polarização que se tornou um ponto de referência para diversas outras produções filosóficas brasileiras*, persistindo muito além do período em que originalmente foi formulada.

Por essa razão, embora sua produção se concentre sobretudo nos anos de 1840 – portanto num período anterior à publicação de *Factos do espírito humano* – procuramos analisar os textos publicados na revista *O Progresso*, cujo “redator em chefe” é Antônio Pedro de Figueiredo, a partir da presença de reflexões próprias ao ecletismo. Ainda que suas posições se aproximem mais de autores socialistas, tal como Charles Fourier, o solo a partir do qual as discute e reformula é compartilhado com autores que se alinham ao ecletismo.

Sob outro ponto de vista, as *Investigações de psicologia* de Eduardo Ferreira França, de 1854, deram-nos a oportunidade de investigar o modo pelo qual se relacionavam o saber médico e o saber filosófico, visto que, nesse campo discursivo, eles não eram vistos como excludentes um ao outro. Com efeito, neste caso a polarização entre espiritualismo e materialismo pode ser vista no interior da maneira pela qual Eduardo Ferreira França auto-significa sua própria trajetória, uma vez que ela é construída justamente como superação do materialismo em direção ao espiritualismo. Nesta relação entre discurso médico e discurso filosófico, além disso, estão presentes delimitações de campos de conhecimento a que corresponderiam diferentes objetos, ou seja, discutiu-se

do ecletismo francês, ver Marques, Ubirajara Rancan de Azevedo. *A escola francesa de historiografia da filosofia, op. cit.*, p. 78: “Sem nunca ter sido crítico sistemático da orientação (filosófica, metodológica, universitária) praticada por Cousin, a particularidade de sua posição [de Jouffroy] está justo no fato de ele quase não se ter ocupado com o filão histórico-filosófico – então emblemático –, mas preferencialmente com o psicológico”. Ver também pp. 80 ss.

⁷ A principal referência para este ponto – em Gonçalves de Magalhães e vários outros autores brasileiros que lhe são contemporâneos – é o texto de Jouffroy conhecido no Brasil como sua *confissão*: a segunda parte da seção *De l'organisation des sciences philosophiques*. In: *Nouveaux mélanges philosophiques*. Paris: Hachette, 1872, 3ª ed., 1ª ed. de 1842.

sob que perspectiva devem recair estudos sobre o *corpo* ou a *alma*: fisiologia, frenologia ou psicologia.

Por fim, procuramos investigar duas perspectivas que, de maneiras diferentes, posicionam-se diante de um adversário comum: o espiritualismo. Trata-se, aqui, de uma *reformulação da polarização entre materialismo e espiritualismo* que orientou as produções filosóficas brasileiras até então. Seja no caso do positivismo, seja no caso do que Sílvio Romero denominou Escola do Recife – cuja maior expressão seria Tobias Barreto – em ambas as posições há a consideração segundo a qual ter-se-ia já estabelecido uma espécie de *senso-comum eclético no Brasil*. Quanto a Tobias Barreto, procuramos examinar os procedimentos pelos quais pretende produzir uma nova concepção de filosofia: o monismo.

Objetivos

Será justamente por meio de uma reformulação da polarização entre sensualismo e espiritualismo que a produção filosófica de Farias Brito inicialmente se constituirá. Nesse sentido, suas obras *Finalidade do mundo*, *As bases físicas do espírito* e *O mundo interior*, podem ser compreendidas também como um posicionamento diante de produções que lhe são anteriores⁸. É interessante notar que, assim como a Gonçalves de Magalhães foi atribuída a característica de filósofo inaugurador em meados do século XIX, também a Farias Brito é impingida a mesma qualificação por autores que lhe são contemporâneos ou posteriores – qualificação no entanto guiada por outro conjunto de posições filosóficas, as quais serão investigadas em nossa pesquisa.⁹

⁸ Ver Chauí, Marilena de Souza. *Un philosophe inconnu au Brésil*. In: *Spinoza entre Lumière et Romantisme*. Les Cahiers de Fontenay, 1985, p. 305 : “Contudo, porque sempre houve uma *décalage* cronológica entre o pensamento no Brasil e as ideias desenvolvidas na Europa, encontramos no fim do século XIX um pensador – único no Brasil – que dedicou-se ao estudo da *Ética* e que parece ter conhecido o restante da obra de Espinosa. Seu trabalho foi realizado sob forte influência do Romantismo, mas, curiosamente, em reação não às Luzes, mas ao Positivismo e ao Evolucionismo”. Ver também p. 317: “Em uma palavra, Espinosa permitiu a Brito, que combatia o materialismo e o cientismo então em moda, restaurar os direitos da Metafísica ou do que ele denomina como “racionalismo dogmático”.”

⁹ A respeito da posição de Farias Brito acerca de Tobias Barreto, ver Paim, Antonio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967, pp. 168-169. Veja-se como Leonel Franca se refere a

São muito variadas, além disso, as apropriações pela quais passou a obra de Farias Brito. Serão justamente elas, contudo, que nos guiarão nas análises de produções que se agrupam seja sob a assim chamada Escola Católica, seja entre os membros do Instituto Brasileiro de Filosofia (IBF), sobretudo Miguel Reale – embora, neste último caso, a consideração de sua produção envolva outros elementos.¹⁰

Talvez se possa dizer que, apesar das significativas diferenças entre as perspectivas filosóficas de Farias Brito, Leonel Franca, Amoroso Lima e Miguel Reale, haja certo traço em comum a elas, na medida em que a história da filosofia assume, nelas, um valor em si, ou, melhor dizendo, em tais perspectivas parece haver a defesa de certo universalismo das ideias filosóficas, lastreado pelo que se compreende serem os grandes filósofos do passado. Não é esse o caso das reflexões de Álvaro Vieira Pinto, membro do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB):

A fase em que atualmente se encontra o processo da realidade brasileira apresenta à consciência que o acompanha o problema da origem dessa consciência, de sua natureza e da função que, enquanto representação dos aconte-

Farias Brito em *Noções de história da filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1952 (13ª ed., 1ª ed. de 1918), p. 321: “Farias Brito não foi, como infelizmente quase todos os que examinamos neste esboço histórico, um improvisador de filosofia. Aparelhou-se para a sua função de escritor por uma leitura atenta, paciente e meditada de quase todos os que versaram o mesmo assunto nos últimos três séculos”. Para informações biográficas e sobre a trajetória de Farias Brito, ver Rabello, Sylvio. *Farias Brito ou uma aventura do espírito*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

¹⁰ A título de ilustração, veja-se como Plínio Salgado se refere a Farias Brito, em *Cadernos da hora presente*, n. 4, set. 1939, pp. 191-192, *apud* Cruz Costa, João. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 2ª ed., pp. 309-310: “Farias Brito exprime, de um modo impressionante, a fase mais angustiosa do pensamento humano ao alvorecer do século XX. [...] A obra de Farias Brito não pode deixar de ser conhecida pelos brasileiros. Ela marca o fim de um século e o começo de outro; assinala o término de uma concepção filosófica e o alvorecer de uma nova filosofia. Estabelece os limites entre o experimentalismo científico e aquela zona impenetrável às pesquisas de laboratório e só compreensível pela contemplação do próprio espírito. Farias Brito não foi apenas o maior pensador e filósofo brasileiro; foi o maior das Américas e um dos mais destacados vultos do seu tempo”. A respeito de Plínio Salgado, ver Chauí, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira*. In: *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Perseu Abramo, 2013, org. de André Rocha. Ver também os textos dedicados a Farias Brito, reunidos nos *Anais do IV Congresso Nacional de Filosofia*. São Paulo-Fortaleza: Instituto Brasileiro de Filosofia, 1962. Note-se que Miguel Reale foi um dos fundadores do Instituto Brasileiro de Filosofia, criado em 1949. Quanto aos autores pertencentes à Escola Católica, nos dedicaremos sobretudo a Leonel Franca, Alceu Amoroso Lima e Henrique de Lima Vaz. Ver Campos, Fernando Arruda. *Tomismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998, pp. 76-84 e 102-109. Ver também Vaz, Henrique de Lima. “O pensamento filosófico no Brasil de hoje”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo XVII, Julho-Dezembro de 1961, Fascs. 3-4, 1959. Por fim, ver Pinheiro Filho, Fernando Antonio. “A invenção da ordem. Intelectuais católicos no Brasil”. *Tempo social*, v. 19, n. 1.

cimentos objetivos, lhe cabe desempenhar, não só para ser interpretação correta daquela realidade, como, sobretudo, para ser instrumento eficaz de aceleração das transformações em curso.¹¹

Como se pode ver, à filosofia não é atribuída a função de situar-se em relação à história da filosofia: pelo contrário, parece ocorrer como que uma instrumentalização do saber filosófico em nome do que Vieira Pinto compreende serem as “transformações em curso” da “realidade brasileira”.¹²

Entre as perspectivas de Farias Brito e suas apropriações, por um lado, e as perspectivas em que se movimentam os membros do ISEB, por outro, parece haver, portanto, uma polarização que pode ser expressa em termos de diferentes maneiras de se situar em relação ao passado. Dito de outra maneira, é diversamente compreendido o que seria, a cada caso, um passado filosófico. Sob outro ponto de vista, veja-se o que escreve Arthur Versiani Velloso acerca da história da filosofia:

A história da Filosofia é a exposição metódica e crítica dos sistemas e das escolas filosóficas. É o estudo sistemático das tentativas para interpretação do universo, nos diferentes períodos da evolução humana. É uma análise *essencialmente crítica* de teoria e doutrinas, sem deixar de ser histórica, acerca das mais altas questões que sempre preocuparam o espírito humano através dos tempos.¹³

¹¹ Vieira Pinto, Álvaro. *Consciência e realidade nacional*. Rio de Janeiro: ISEB, 1960, p. 11, vol. 1. A respeito do ISEB, ver Toledo, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977. Quanto a Álvaro Vieira Pinto, ver Freitas, Marcos Cezar de. *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*. São Paulo: Cortez: USF-IFAN, 1998.

¹² A título de ilustração, veja-se o que escreve Roland Corbisier, posteriormente membro do ISEB, nos *Anais do I Congresso Brasileiro de Filosofia*. São Paulo: IBF, 1950, p. 20, vol. 1: “Parece-nos que chegou a hora dos homens de pensamento, dos homens cuja função específica é refletir sobre o mundo e sobre o universo, parece que chegou o momento e a ocasião desses homens se reunirem no Brasil para tomar consciência não só da problemática humana e universal, mas também dessa problemática brasileira urgente, inadiável, que está solicitando e exigindo toda nossa dedicação, todo o nosso esforço e todo o nosso amor”. Ver também Kubitschek, Juscelino. *Discursos*. Rio de Janeiro: ISEB, 1957, p. 48: “Ao que pretendeis realizar é que chamo de pensamento nacionalista. O nacionalismo brasileiro, tal como o entendo, tem uma finalidade precisa nesta hora, nestes anos decisivos, que é trabalhar pelo desenvolvimento. Prestareis um serviço inestimável e precioso ao País, se ajudardes na tarefa de formar uma mentalidade, um espírito, uma atmosfera de inteligência para o desenvolvimento”.

¹³ Velloso, Arthur Versiani. *Introdução à história da filosofia*. Belo Horizonte: 1947, p. 11. A respeito de Versiani Velloso e sua participação no concurso de cátedra de Lívio Teixeira, ver Oliveira, Francine Ve-

E, de outra parte, veja-se o que escreve Lívio Teixeira:

Nesse sentido, a história da filosofia tem uma importância decisiva. É a familiaridade com os estudos históricos que poderá nos liberar da excessiva preocupação em estar a par com as novidades europeias. Claro está que não pretendemos aqui condenar esse tipo de informação; afirmamos apenas que, sem a perspectiva histórica, não estamos aptos a convenientemente julgar essas novidades.¹⁴

A despeito das evidentes idiosincrasias próprias a cada autor, parece interessante notar que compreensões a respeito da história da filosofia não apenas produzem certa posição sobre o que deva ser um legítimo passado filosófico, mas também apontam para uma definição acerca do próprio ofício de filósofo: conhecer e interpretar a história da filosofia passa a identificar-se com a própria prática filosófica.

Assim como, em nossa tese de doutorado, haveria muitos outros materiais e autores que poderiam ter sido objeto de análise, sejam livros ou artigos de jornal, em que se pode encontrar discursos autodenominados filosóficos, nesta pesquisa de pós-doutorado o recorte que propomos se constitui, portanto, como aproximação em relação a um objeto vasto e complexo. Contudo, tal opção pode conferir inteligibilidade a um conjunto mais amplo de textos presentes neste campo discursivo, uma vez que pudemos notar, no que se refere ao século XIX, que categorias tais como *materialismo* ou *espiritualismo* servem como balizas que orientam diversos posicionamentos, ou melhor, a *polarização* entre tais noções, desde que se atente a seus múltiplos sentidos, contribuindo para a compreensão de distinções que os autores criavam para si e, ao mesmo tempo, às quais respondiam. Para a análise do objeto que ora propomos, talvez esteja em operação

nância de. *Fantasma da tradição. João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. São Paulo: FFLCH-USP, 2012, Doutorado, p. 89.

¹⁴ Teixeira, Lívio. “Quelques considérations sur la philosophie et l’étude de la histoire de la philosophie au Brésil”. *Cadernos espinosanos*, n. X, agosto de 2003, p. 190. Ver também, nessa mesma revista, o texto “Filosofia e história da filosofia. À margem de alguns estudos sobre as relações da filosofia com a sua história”. A respeito de Lívio Teixeira, ver, ainda nessa revista, Chauí, Marilena. “Apresentação”, p. 9: “Lívio Teixeira inaugurou entre nós o estilo de trabalho que orientou as pesquisas em História da Filosofia no Departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo. Como ele mesmo nos dizia e praticava, a História da Filosofia é o caminho natural e único para ingressar na Filosofia e essencial para a formação filosófica, desde que saibamos conjugar o estudo do aspecto estrutural de cada filosofia – aquilo que efetiva e logicamente o filósofo escreveu – com as condições históricas e intelectuais de sua realização – aquilo que uma obra filosófica pretende significar”.

outra espécie de polarização, a qual, mais uma vez, a título de hipótese, pode conferir sentido a um amplo conjunto de textos filosóficos: de uma parte, a *cultura* como referencial que orientaria a prática filosófica tanto no que diz respeito à maneira como é situada em relação ao passado, quanto à própria finalidade que assume. De outra parte, a *história da filosofia* como manancial de que se haure uma temporalidade apta a localizar produções filosóficas presentes e, ao mesmo tempo, que se constitui como o próprio objeto ao qual o filósofo deve se dedicar.

Cronograma

Considerando-se a duração de 24 meses da bolsa, dedicaremos os primeiros 6 meses à leitura das obras de Farias Brito, primeiro autor brasileiro a estudar a obra de Espinosa e reivindicar-se como espinosista. Nos seis meses seguintes, nos voltaremos a seus intérpretes e às apropriações a que sua obra foi objeto, as quais deram origem a diferentes perspectivas filosóficas, tais como as representadas pela Escola Católica e pelo Instituto Brasileiro de Filosofia. Após a leitura e análise de tais textos, procuraremos apresentar os resultados dessa investigação em forma de artigos.

Para os 12 meses seguintes, nos propomos a examinar as contribuições filosóficas agrupadas no Instituto Superior de Estudos Brasileiros (sobretudo Álvaro Vieira Pinto) e, de outra parte, as posições filosóficas representadas seja por Arthur Versiani Velloso, seja por Lívio Teixeira. Após a leitura e análise do conjunto desses textos, nos propomos a apresentar os resultados dessa investigação em forma de artigos.

Propomos também oferecer disciplinas no Departamento de Filosofia da UFSCAR, evidentemente em acordo com os objetivos do Departamento, de modo a contribuir com a formação dos alunos e criar um espaço de divulgação e interlocução para os temas desta Pesquisa de Pós-doutorado.

Bibliografia

- ALMADA, Leonardo Ferreira. *A ideia de filosofia como ciência do espírito no Brasil*. Tese de Doutorado em Filosofia – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.
- AMOROSO LIMA, Alceu. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Agir, 1947-1958, 35 vols.
- ARANTES, Paulo Eduardo. *Um departamento francês de ultramar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.
- _____. *O fio da meada: uma conversa e quatro entrevistas sobre filosofia e vida nacional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Ressentimento da dialética: dialética e experiência intelectual em Hegel. Antigos estudos sobre o ABC da miséria alemã*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *Sentimento da dialética na experiência intelectual brasileira*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira*. São Paulo: Edusp, 2010.
- BEVILAQUA, Clóvis. *Esboços e fragmentos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1899.
- BRÉHIER, Émile. *La philosophie et son passé*. Paris: Alcan, 1940.
- CAMPOS, Fernando Arruda. *Tomismo no Brasil*. São Paulo: Paulus, 1998.
- CANHADA, Júlio Miranda. *Construções de um século: discursos filosóficos no Brasil oitocentista*. São Paulo: FFLCH/USP, 2017, Tese de Doutorado.
- _____. “La construction d’une voix philosophique pour la nation : l’éclectisme au Brésil”. In: Antoine-Mahut, Delphine et Whistler, Daniel. *Une arme philosophique: l’éclectisme de Victor Cousin*. Paris: Éditions des archives contemporaines, 2019, p. 125-134.
- _____. *O discurso e a história: a filosofia no Brasil no século XIX*. São Paulo: Loyola, 2020.
- _____. “La lecture structurale des textes et l’histoire de la philosophie au Brésil”. In: *Cahiers critiques de philosophie*. Paris: Hermann, agosto-setembro de 2016, n. 16.

- CARDOSO, Irene de Arruda Ribeiro. *A universidade da comunhão paulista*. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1982.
- CARVALHO, Laerte Ramos de. *A formação filosófica de Farias Brito*. São Paulo: Saraiva, Edusp, 1977.
- CERQUEIRA, Luiz Alberto. *Filosofia brasileira: ontogênese da consciência de si*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHAUI, Marilena de Souza. *Conformismo e resistência*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Perseu Abramo, 2004, org. de Homero Santiago.
- _____. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2011.
- _____. “Farias Brito : um espinosista nos trópicos”. Inédito.
- _____. *Un philosophe inconnu au Brésil*. In: *Spinoza entre lumière et romantisme*. Les Cahiers de Fontenay, 1985.
- _____. *Manifestações ideológicas do autoritarismo brasileiro*. Belo Horizonte: Autêntica; São Paulo: Perseu Abramo, 2013, org. de André Rocha.
- CORDEIRO, Denílson Soares. *A formação do discernimento. Jean Maugüé e a gênese de uma experiência filosófica no Brasil*. Doutorado – FFLCH-USP, 2008.
- CRIPPA, Adolpho (org.). *As ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1978, 3 vols.
- CRUZ COSTA, João. *Contribuição à história das ideias no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967, 2ª ed.
- _____. *A filosofia no Brasil*. Porto Alegre: Globo, 1945.
- DEBRUN, Michel. *Ideologia e realidade*. Rio de Janeiro: ISEB, 1959.
- DOMINGUES, Ivan. *Filosofia no Brasil: legados e perspectivas – Ensaio metafilosófico*. São Paulo: Editora UNESP, 2017.
- FARIAS BRITO, Raimundo de. *A base física do espírito*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006 (1ª ed. de 1912).

_____. *Finalidade do mundo. Estudos de filosofia e teleologia naturalista*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2012, 3 vols. (primeiras edições de 1895, 1899 e 1905).

_____. *Inéditos e dispersos*. São Paulo: Grijalbo, 1966 (compilação de Carlos Lopes de Mattos).

_____. *O mundo interior. Ensaio sobre os dados gerais da filosofia do espírito*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2006 (1ª ed. de 1914).

_____. *A verdade como regras das ações. Ensaio de filosofia moral como introdução ao estudo do direito*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005 (1ª ed. de 1905).

- FERREIRA, Daniela Maria. *Filósofos à brasileira. Catolicismo e autonomia dos debates intelectuais*. Campinas: Arte Escrita, 2010.

- FIGUEIREDO, Jackson. *Algumas reflexões sobre a philosophia de Farias Brito (profissão de fé espiritualista)*. Rio de Janeiro: Typ. Revista dos Tribunais, 1916.

- FILIZOLA NETO, Júlio. *Farias Brito, um filósofo brasileiro: vida, pensamento e crítica historiográfica*. Tese de Doutorado em Educação Brasileira – Universidade Federal do Ceará, 2008.

- FRANCA, Leonel. *A crise do mundo moderno*. Rio de Janeiro: Agir, 1955, 4ª ed.

_____. *Noções de história da filosofia*. Rio de Janeiro: Agir, 1952 (13ª ed., 1ª ed. de 1918).

- FREITAS, Marcos Cezar de. *Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama*. São Paulo: Cortez: USF-IFAN, 1998.

- GIANNOTTI, José Arthur. “Dentre os guardados”. *Discurso*, v. 35, 2005.

_____. “Filosofia para todos, em particular para Rodrigo”. *Cadernos PUC*, Campinas, n. 1, março de 1980.

_____. “Um livro polêmico”. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 39, julho de 1994.

_____. “Notas para uma análise metodológica de *O Capital*”. *Revista Brasiliense*, São Paulo, n. 29, 1960.

_____. *Origens da dialética do trabalho: estudo sobre a lógica do jovem Marx*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

_____. “A pesquisa filosófica no Brasil”. *Cadernos de história e filosofia da ciência*, Campinas, nº 5, 1983.

_____. “Sobre o trabalho teórico”. *Trans/Form/Ação: Revista de Filosofia*, São Paulo, n. 1, 1974.

- GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de Platão*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970, tradução de Ieda e Oswaldo Porchat.

- GRANGER, Gilles Gaston. “Proposições para um positivismo”. *Discurso*, ano 1, nº 1, 1970.

- GUEROULT, Martial. *Philosophie de l'histoire de la philosophie*. Paris: Aubier-Montaigne, 1979.

- INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Anais dos I, III e IV Congressos Brasileiros de Filosofia*. São Paulo: IBF, 1950, 1960, 1962.

- JAGUARIBE, Hélio. *A filosofia no Brasil*. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.

- LEBRUN, Gérard. *A filosofia e sua história*. São Paulo: CosacNaify, 2006.

_____. “A ‘Realidade Nacional’ e seus equívocos”. *Revista brasiliense*, nº 44, 1962.

- LEOPOLDO E SILVA, Franklin. “História da filosofia, formação e compromisso”. *Trans/Form/Ação*, São Paulo, n. 25, 2002.

_____. “Pesquisas no Departamento de Filosofia”. *Estudos Avançados*, 8(22), 1994.

- *Lições inaugurais da missão universitária francesa durante o ano de 1936*. Rio de Janeiro: Universidade do Distrito Federal, 1937.

- LINS, Ivan. *História do positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, s/d.

- LOPES DE MATOS, Carlos. *O pensamento de Farias Brito*. São Paulo: Herder, 1962.
- MARGUTTI, Paulo. *História da filosofia do Brasil. O período colonial (1500-1822)*. São Paulo: Loyola, 2013.
- _____. *História da filosofia do Brasil: 2ª Parte: A ruptura iluminista (1800-1822)*. São Paulo: Loyola, 2020.
- MARQUES, Ubirajara Rancan de Azevedo. *A escola francesa de historiografia da filosofia: notas históricas e elementos de formação*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.
- _____. “Notas sobre a disciplina “história da filosofia” no Brasil. *Cadernos PET/Filosofia*, UFPR, n. 13, 2012.
- MENEZES, Djacir. *Evolucionismo e positivismo na crítica de Farias Brito*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1962.
- MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. *Racionalidade e crise: estudos de história da filosofia moderna e contemporânea*. São Paulo: Discurso Editorial; Ed. da UFPR, 2001.
- MOURA, Odilon. *Ideias católicas no Brasil*. São Paulo: Convívio, 1978.
- NOBRE, Marcos & REGO, José Márcio. *Conversas com filósofos brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- OLIVEIRA, Francine Venâncio de. *Fantasma da tradição. João Cruz Costa e a cultura filosófica uspiana em formação*. São Paulo: FFLCH-USP, 2012, Doutorado.
- PAIM, Antônio. *História das ideias filosóficas no Brasil*. São Paulo: Grijalbo, 1967.
- PINHEIRO FILHO, Fernando Antonio. “A invenção da ordem. Intelectuais católicos no Brasil”. *Tempo social*, v. 19, n. 1.
- PORCHAT, Oswaldo. *Ciência e dialética em Aristóteles*. São Paulo: UNESP, 2001.
- _____. *Vida comum e ceticismo*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PORCHAT, Oswaldo et al. *A filosofia e a visão comum do mundo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- PRADO JR., Bento. *Alguns ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

_____. “Cruz Costa e a história das ideias no Brasil”. In: ANTUNES, R. & FER-
RANTE, V. B. & MORAES, R. *Inteligência brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. “As filosofias da Maria Antônia (1956-1959) na memória de um ex-aluno”.
In: *Maria Antônia: uma rua na contramão*. São Paulo: Nobel, 1988.

_____. *A retórica de Rousseau*. São Paulo: CosacNaify, 2008.

- RABELLO, Sylvio. *Farias Brito ou uma aventura do espírito*. Rio de Janeiro: Civiliza-
ção Brasileira, 1967.

- REALE, Miguel. *A doutrina de Kant no Brasil*. São Paulo: 1949.

_____. *O Estado moderno*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1935.

_____. *Fundamentos do direito*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1972.

_____. *Pluralismo e liberdade*. São Paulo: Expressão e Cultura, 1998.

- ROMERO, Sílvio. *A filosofia no Brasil. Ensaio crítico*. In: *Obra filosófica*. Introdução
e seleção de Luís Washington Vita. Rio de Janeiro: José Olympio; São Paulo: Edusp,
1969 (1ª ed. de 1878).

_____. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1949, 5 vols.

- SALGADO, Plínio. *Palavras novas aos tempos novos*. São Paulo: Panorama, 1937.

_____. *A quarta humanidade*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1934.

_____. *O sofrimento universal*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1936.

- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos
inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.

- SERRANO, Jonathas. *Farias Brito. O homem e a obra*. São Paulo: Companhia Editó-
ra Nacional, 1939.

- TEIXEIRA, Lívio. *Cadernos espinosanos. Número em homenagem ao Prof. Lívio
Teixeira*. São Paulo, n. X, agosto de 2013.

_____. *A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de
Espinosa*. São Paulo: UNESP, 2001.

- _____. *Ensaio sobre a moral de Descartes*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- TOLEDO, Caio Navarro de (org.). *Intelectuais e política no Brasil: a experiência do ISEB*. Rio de Janeiro: Revan, 2005.
- _____. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1977.
- TUFFANI, Eduardo. “Nota pelos cem anos do ensino superior de Filosofia no Brasil (1908-2008)”. *Discurso*. Revista do Departamento de Filosofia da USP, n. 39, 2009.
- VAZ, Henrique de Lima. *Escritos de filosofia. I-V*. São Paulo: Loyola, 1986, 1993, 1997, 1999, 2000.
- _____. “O pensamento filosófico no Brasil de hoje”. *Revista Portuguesa de Filosofia*, Tomo XVII, Julho-Dezembro de 1961, Fascs. 3-4, 1959.
- VELLOSO, Arthur Versiani. *Introdução à história da filosofia*. Belo Horizonte: 1947.
- _____. *A quiddidade do real*. Belo Horizonte: 1948.
- VITA, Luís Washington. *Escoço da filosofia no Brasil*. Coimbra: Ed. Atlândida, 1964.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. *Consciência e realidade nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020, 2 volumes.
- _____. *O conceito de tecnologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005, 2 volumes.
- _____. *Ciência e existência: problemas filosóficos da pesquisa científica*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.
- ZEA, Leopoldo. *Historia y cultura en la conciencia brasileña*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.